



REPRESENTAÇÕES DO IMPERADOR ADRIANO NA BIOGRAFIA ANTIGA E NA NUMISMÁTICA ROMANA

Claudio Carlan¹
Universidade Federal de Alfenas
(carlanclaudio@gmail.com)

Filipe N. Silva²
Faculdades Integradas Maria Imaculada
(filipe.hadrian@gmail.com)

Resumo: Ao propor uma reflexão acerca das fontes históricas concernentes a Adriano, imperador romano entre 117 e 138 d.C., o presente artigo avalia, por um lado, os méritos e limites da documentação textual antiga (sobretudo a de caráter biográfico) sobre este personagem. Nesta empreitada, evidencia-se a parcialidade discursiva subjacente às obras produzidas pelas elites senatoriais. Por outro lado, destacamos a importância histórica das moedas emitidas sob o governo de Adriano como forma de contrabalancear as representações advindas do meio senatorial. Constata-se, enfim, a importância do cotejo entre as fontes históricas textuais e materiais para uma melhor compreensão das sociedades antigas.

Palavras-chave: Imperador Adriano; biografias; numismática; Império Romano.

REPRESENTATIONS OF EMPEROR HADRIAN IN ANCIENT BIOGRAPHY AND ROMAN NUMISMATICS

Abstract: By reflecting on historical sources about Hadrian, Roman Emperor between the years of 117 and 138 AD, this paper discusses, by one hand, the quality and the limits of the literary sources (mainly the ancient biographies). In this attempt, becomes evident the senatorial bias of some ancient Roman writers. By other hand, trying to surpass the discourses from senatorial elites, this study emphasizes the historical importance of Roman coinage for a better understanding of Hadrian and period of government. Finally, it's verified the role of material culture (mainly confronting the literary sources) to the study of ancient societies.

Keywords: Hadrian Roman Emperor; biographies; numismatics; Roman Empire.

REPRESENTACIONES DEL EMPERADOR ADRIANO EN LA BIOGRAFÍA ANTIGUA Y EN LA NUMISMÁTICA ROMANA

Resumen: A través de una reflexión acerca de las fuentes antiguas concernientes a Adriano, emperador romano entre los años 117 y 138 d.C., este artículo abaliza, por un lado, los méritos de la documentación textual antigua referente a este personaje histórico. En este empeño, se vuelve aparente la parcialidad discursiva subyacente a las producciones textuales desarrolladas entre las elites senatoriales. Por otro lado, destacamos la importancia histórica de las monedas cuñadas bajo el gobierno del emperador Adriano como un contrapunto a los escritos de los senadores. Finalmente, se

¹ Professor de História Antiga e do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas. Realizou estágio pós-doutoral em Arqueologia pela Unicamp e possui doutorado em História pela mesma instituição. Pesquisador do Grupo de Estudos Arqueologia Histórica (Unicamp) e do Grupo de Pesquisa Península Ibérica: da Antiguidade Tardia à Reconquista

² Professor de História Antiga. Mestre e Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp).



hace hincapié por el uso de la cultura material (en comparación y confronto a la tradición textual antigua) para el estudio de las sociedades antiguas.

Palabras-clave: Emperador Adriano; biografías; numismática; Imperio Romano.

1. INTRODUÇÃO

Ao criar uma ficção histórica baseada na vida de Públio Élio Adriano (76 d.C. – 138 d.C.), a romancista francófona Marguerite (Crayencour) Yourcenar (1903-1987), autora de *Les Mémoires d'Hadrien*³ e primeira mulher a ser admitida na *Académie Française*, narrou, a partir da documentação oriunda da Antiguidade (Cf. ALDRICH, 1993. p. 188), os passos de um personagem histórico multifacetado (na oportuna definição de Yourcenar, Adriano, em suas mais diversas acepções, teria sido *varius multiplex multiformis*) e de significativos protagonismo e influência sobre o mundo à sua volta.

De origem hispânica⁴, Adriano, ainda jovem, teria alcançado inúmeros êxitos militares à frente das tropas de seu antecessor (e igualmente hispânico) Trajano: como demonstrou Mary Boatwright (2008. p. 255), ainda com 19 anos (entre os anos de 94 e 95 d.C.), o futuro imperador já era tribuno da *Legio II Adiutrix* na Panônia. Repetiu este posto, ainda, entre 96 e 97 d.C. junto à *Legio V Macedonica* e, pela terceira vez, entre 97 e 98 d.C., na *Legio XXII Primigenia*. Além das vitoriosas campanhas na Dácia (entre 101-102 e 105-106 d.C.) e da nomeação para o governo provincial da Síria em 117 d.C., Adriano também teria ocupado a função de tribuno da plebe (em 102 ou 105 d.C.), além de ter ocupado outros três consulados: em 108 d.C., em 118 d.C., e em 119 d.C., já à época de seu principado (BIRLEY, 1997. p.102-103).

³ Editado no Brasil sob o título de *“Memórias de Adriano”*, a obra em questão foi publicada originalmente no ano de 1951. Os manuscritos que a originaram, contudo, teriam redigidos entre os anos de 1924 e 1929. Tais esboços, segundo a própria autora, no entanto, teriam sido destruídos.

⁴ Uma síntese do debate concernente às origens de Adriano foi apresentada em: SILVA, F.N. Gênero e poder no Império Romano: considerações sobre o imperador Adriano. Dissertação de Mestrado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2016. p.19-27.

Por um lado, parte significativa da historiografia reconhece que o respeitável *cursus honorum* de Adriano, juntamente com sua vitoriosa carreira militar, teriam sido elementos que asseguraram sua “inevitável” adoção e sucessão ao posto de Trajano (BOATWRIGHT, 2008. p. 259). Parte significativa dos estudos históricos sobre o personagem em questão interpreta sua ascensão o fim de favorecimentos arbitrários e clientelísticos tramados dentro da própria corte imperial. A influente obra de Anthony Birley (1997), bem como o ensaio de Juan Manuel Cortés Copete (2004), por exemplo, tornam patentes a perspectiva de que a adoção de Adriano por Trajano teria sido, na melhor das hipóteses, o resultado de uma conspiração capitaneada por integrantes da corte imperial: enquanto Birley (1997. p. 77) salienta o caráter extralegal da nomeação de Adriano admitindo que “sua adoção foi, na melhor das hipóteses, arranjada por um homem à beira da morte e pela imperatriz”⁵, Copete (2004. p.75), de modo similar, pondera que a notificação sobre a adoção de Adriano teria chegado na Síria em decorrência de “uma conspiração das mulheres da corte, capitaneada por Plotina, a imperatriz”⁶.

Mais do que qualquer suposta predileção ou simpatia à experiência histórica de Adriano, as distintas perspectivas históricas demonstram, ao contrário, o caráter divergente transmitido pela documentação antiga a respeito deste personagem. Neste caso, tanto o relato histórico de Cássio Dio (*Historiae Romanae*. 69.1.1-3) quanto a *Vida de Adriano* narrada na *Scriptores Historiae Augustae* (S.H.A. *Vita Hadriani*. IV. 10) desqualificam, pelo suposto oportunismo e falta de honestidade, a nomeação de Adriano para o posto máximo de imperador de Roma.

Teríamos, entretanto, uma leitura completamente distinta sobre esse mesmo episódio se nos voltássemos, por exemplo, a um *denarius* cunhado em

⁵ Tradução nossa. No original: “The adoption was, at best, by a dying man and stage-managed by Empress” (BIRLEY, 1997: p. 77).

⁶ Tradução nossa. No original: “Conspiración de las mujeres de la corte capitaneadas por Plotina, la emperatriz (...)”. (COPETE, 2004: p.75).

Roma por volta de 117 d.C. (RIC. VOL. II, Nº 3b)⁷. Em seu reverso, além da menção à titulação e às conquistas militares do imperador, também é observável a legenda ADOPTIO, logo abaixo à representação de Adriano e Trajano. Estes, por seu turno, encontram-se posicionados de maneira paralela e em um gesto de cumprimento, aludindo a uma situação harmônica. Togados e laureados, também portam documentos (testamentos?) em suas mãos esquerdas que fazem uma evidente referência à concessão estabelecida entre sucessor e sucedido: trata-se, portanto, de uma alusão ao (suposto) caráter legítimo da herança imperial (BOATWRIGHT, 1987: p. 238).

Embora o exemplo da adoção corresponda a apenas uma dentre as várias questões concernentes a Adriano, parece-nos razoável, a partir desta breve digressão, propor uma reflexão acerca das fontes históricas referentes a esse personagem. Além da narrativa biográfica apresentada na *História Augusta* a documentação numismática constitui um significativo manancial documental a ser observado pelas investigações históricas a respeito da vida e principado de Adriano.

2. A BIOGRAFIA ANTIGA COMO FONTE HISTÓRICA: A HISTÓRIA AUGUSTA

A trajetória histórica de Adriano ficou registrada nos mais variados suportes documentais da Antiguidade: além das narrativas (históricas e biográficas, sobretudo), os papiros, as inscrições, as estátuas e moedas de diversas épocas constituem um importante *corpus* documental heterogêneo. No tocante à documentação literária sobre Adriano, Boatwright (1987, p. 13; 2000, p. 20-21) identifica limitações quantitativas e qualitativas e que, de certa forma, destoam da tradição textual referente a imperadores romanos que o antecederam. Ainda que muitas produções literárias contemporâneas a Adriano possam ser lidas à luz do seu

⁷ Informações gerais sobre a moeda em questão podem ser consultadas no *website* do Museu Britânico:

https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1211711&partId=1&searchText=Adoptio&page=1. Acesso em: 04 jul. 2019, às 18h40.

próprio contexto histórico, textos seminais como os de Cornélio Tácito e as biografias de Suetônio (BIRLEY, 1997. p. 05), contudo, têm como tema principal a experiência histórica do primeiro século do principado romano. Sob essas condições, o uso de fontes históricas datadas de um período posterior ao principado de Adriano tem sido constante e constitui, nos dias atuais, um verdadeiro padrão na historiografia moderna que versa sobre este imperador (SILVA, 2016, p.104).

Ainda que por motivos distintos, duas tessituras textuais têm recebido particular atenção da crítica histórica: a primeira delas, elaborada entre os séculos II e III de nossa, é a *História Romana* de Cássio Dio. Nascido em Nicéia (Bitínia) entre os anos de 163 e 164 d.C., *Lucius Claudius Cassius Dios Cocceianus* teria chegado à cidade de Roma na década de 180 d.C. (GONÇALVES, 2007, p. 148). Proveniente de uma família de senadores de origem grega, Cássio Dio teria participado ativamente do ambiente senatorial de seu tempo e testemunhado importantes eventos históricos do período dos Severos (GONÇALVES, 2007, p.149).

Apesar de seu inestimável valor histórico, a narrativa sobre o principado de Adriano, considerada uma exceção, é avaliada de maneira bastante cética pela crítica contemporânea. Conforme já demonstrado no recorrente livro de Fergus Millar (1964, p. 01-04), os textos de autoria do próprio Cássio Dio estariam preservados integralmente apenas nos livros 36-54 (correspondentes à época de 68 a 10 a.C.); de maneira fragmentada entre os livros 55-60 e, também, entre os volumes 79 e 80. Este último, aliás, teria como tema principal o período situado entre a morte de Caracala e o governo de Heliogábalos. Os outros livros que compõem as *Historiae Romanae*, inclusive aquele dedicado à vida e ao principado Adriano, seriam (de acordo com a crítica filológica) oriundos de uma interpolação posterior, realizada no século XI d.C. pelo monge bizantino João Xifilino (MILLAR, 1964, p.01-04).

É do âmbito senatorial que provém a segunda narrativa mencionada neste estudo: a *Vida de Adriano* narrada na controversa *História Augusta*. Considerado o mais completo relato literário a respeito de Adriano (MOMIGLIANO,



1954, p. 27; SYME, 1983, p. 12; BOATWRIGHT, 2000, p. 21), o compilado biográfico datado (sob muita contenda) do século IV d.C. suscitou uma série de debates e críticas em torno de sua composição, autoria e fidedignidade histórica (MACHADO, 1998, p. 06). Derivada do *Codex Palatinus Latinus* 899 (Biblioteca Vaticana) datado do século IX, a obra em questão apresenta trinta biografias romanas que versam sobre a vida e os feitos de imperadores, herdeiros e usurpadores do trono imperial romano dentro de um período histórico situado entre 117 e 284 da Era Comum (BENARIO, 1980, p. 01; CORASSIN, 1983; CAMERON, 2011, p. 743; SILVA, 2016, p.105).

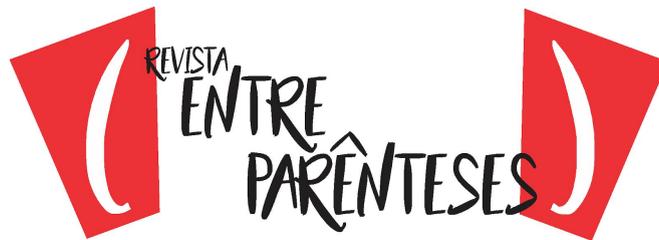
Embora os pseudônimos (Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélío Polião e Flávio Vopisco) aludem a uma autoria coletiva, a possibilidade de um autor único para a História Augusta, juntamente com sua datação para o final do século IV e início do século V (entre os anos 392-423), têm sido aceitas de maneira praticamente consensual entre os estudiosos da Antiguidade, inclusive no Brasil (BENARIO, 1980, p. 01; CORASSIN, 1997, p. 207; MACHADO, 1998, p. 08). O lugar de composição da referida obra, outrossim, tampouco constitui objeto de disputa nos dias atuais: parece ponto assente entre os especialistas que a História Augusta seria oriunda de um setor específico da sociedade romana: a aristocracia senatorial pagã da cidade de Roma do século IV d.C. (CORASSIN, 1997: p. 208).

A História Augusta se constitui, portanto, como um texto de teor aristocrático acerca do poder imperial do Baixo Império Romano, redigido em uma época em que não se cogita a restauração de um regime de poder para se sobrepor à monarquia (CORASSIN, 1997, p. 209). Apesar disso, o papel (institucional) do Senado é reconhecido, valorizado e até mesmo utilizado como critério para caracterizar os imperadores biografados (CAMERON, 2011: p. 781). Se tomarmos como premissa básica a constatação de que “as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER,

1990: p. 17), poderemos constatar que a *Vida de Adriano* – interpretada neste estudo enquanto um discurso munido de uma estética persuasiva (FUNARI, 2003: p. 20) – apresenta-nos uma visão parcial e subjetiva sobre o personagem em questão. Convergente com essa perspectiva, o texto biográfico antigo, destituído de rigor cronológico, opta pela narrativa de episódios e anedotas (nem sempre verídicos) do biografado e que foram selecionados pelo narrador com o intuito de atribuir um determinado caráter a este personagem (FUNARI, 2007: p. 03).

Distribuída em 27 capítulos, a *Vida de Adriano* é a primeira das trinta narrativas biográficas compiladas na *Scriptores Historiae Augustae*. Na esteira dos estudos de Herbert Benario (1980. p. 03), a biografia de Adriano poderia ser dividida em quatro partes textuais principais. A primeira, apresentada entre os capítulos 01 e 04, faz menção à família e aos primeiros anos de Adriano até sua ascensão ao trono imperial. A segunda, correspondente aos trechos 05 e 14, diz respeito à volta de Adriano a Roma, suas políticas, à relação com o Senado, às reformas militares e às viagens do príncipe. A terceira, compreendida entre os capítulos 14 e 22, apresenta alguns dos gostos pessoais de Adriano. Narra, ainda, seus empreendimentos políticos referentes às reformas prediais, aos jogos e festivais, e também aspectos gerais da administração civil à frente do Império. Por fim, a quarta (e última) parte da *Vida de Adriano*, apresentada entre os capítulos 23 e 27 da biografia, se reporta à volta de Adriano a Roma e os últimos momentos de sua vida.

De uma maneira geral, a *Vita Hadriani* é bastante oscilante quanto aos julgamentos que emite sobre o imperador Adriano, ora retratando-o como um príncipe virtuoso, ora expondo seus vícios e excessos como marcas de um indivíduo de caráter duvidoso (BENARIO, 1980; SILVA, 2016). Algumas de suas anedotas, com efeito, ajudam-nos a compreender a composição de uma avaliação multifacetada (presente até os dias atuais) sobre Adriano. Verídico ou não, o tema da adoção é mencionado na narrativa da História Augusta com o intuito de colocar em xeque a legitimidade da ascensão de Adriano ao poder imperial:



Nec desunt qui factione Plotinae mortuo iam Traiano Hadrianum in adoptionem adscitum esse prodiderint, supposito qui pro Traiano fessa uoce loquebatur.

Não falta quem demonstre que Adriano foi agraciado com a adoção, já que Trajano estava morto, graças à facção de Plotina, por recurso a um imitador que falou por Trajano com voz débil (S.H.A. *Vita Hadriani*. IV.10. Tradução nossa).

Do ponto de vista do exercício do poder, a *Vita Hadriani* (VIII. 03) admite que Adriano, embora cruel em diversas ocasiões, teria governado de maneira respeitosa em relação ao Senado Romano. Seus principais vícios, retratados escritores do século IV d.C., se manifestavam nos pormenores (e prazeres!) da vida cotidiana:

Fuit enim poematum et litteratum nimium studiosissimus. Arithmeticae geometriae picturae peritissimus. Iam psallendi et cantandi scientiam prae se ferebat. In voluptatibus nimius; nam et de suis dilectis multa versibus composuit. Amatoria carmina scripsit.

Foi, de fato, um grande estudioso da poesia e das letras. Peritíssimo na geometria, aritmética e pintura. Gabava-se da habilidade de tocar cítara e cantar. Nos prazeres era excessivo; e, com efeito, compôs muitos versos sobre aqueles que amava. Escreveu poemas de amor (S.H.A. *Hadr.* XIV, 08-09. Tradução nossa).

O referido excerto, por um lado, conduz à constatação de que Adriano teria sido um imperador polímata e de aprofundada formação intelectual. Por outro lado, de maneira concomitante, sugere certa desmedida, por parte do imperador, no âmbito dos prazeres. Seja como for, é de fundamental importância considerarmos as pretensões do texto biográfico antigo de formar um caráter a partir de anedotas (verídicas ou não) sobre um determinado personagem. Nesse sentido, conforme já demonstrado pelos estudos de Machado (1998. p.42) e Silva (2016. p.117), o fato de



a História Augusta conter assertivas, documentos e personagens falaciosos já não deve surpreender os estudiosos contemporâneos.

3. AS REPRESENTAÇÕES DE ADRIANO NA NUMISMÁTICA IBÉRICA

A passagem humana pelo planeta desenvolveu diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto linguísticas, expressas pela sua consciência. Podemos afirmar que “[os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: 1987, p. 1115).

As práticas do poder e seus simbolismos atuam de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas, em toda a sociedade, através das ideias da classe dominante, predominam, oralmente ou através da escrita. Cardoso & Pérez Brignoli salientam que “é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica” (CARDOSO & PÉREZ BRIGNOLI, 1979: p. 397).

A cunhagem monetária, associada ao retrato e à propaganda, configuravam dois aspectos indissociáveis em Roma. As moedas, por sua vez, associavam-se a um e a outro, também em forma muito íntima. Elas não são apenas instrumentos importantes para estabelecer a datação de documentos e eventos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na nossa compreensão das imagens que contêm.

Com frequência, o tipo monetário do reverso mostra determinada representação. Ainda que o seu significado, indicado pela legenda que acompanha e pelo tipo do anverso, possa aparecer como uma interpretação original em relação ao modelo, muitas vezes tipos monetários e modelo têm o mesmo sentido. Nas representações religiosas e políticas, a riqueza iconográfica está bem destacada nos

períodos da História Romana. Temos, por exemplo, menções à *PROVIDENTIA DEORVM*, *IOVI / HERCVLES* (evocando Júpiter e Hércules juntos), *VIRTVTI AVGG*, *PAX* (figura feminina), *PRINCI A INVENTVTIS*, *BEATA* (Altar com os votos), *PROVIDENTIA CAESS* (campo militar ou fortaleza), à loba amamentando Rômulo e Remo (sem legenda), *PROVIDENTIA AVGG* (campo militar), *IOVI / CAESAR*, *VIRTVS*, *CASTOR / POLVX* (templo com a cúpula redonda, sem legenda).

Além de ampliar as conquistas imperiais, as emissões monetárias do imperador Adriano apresentaram formas bastante peculiares de representações. Por se tratar de um indivíduo que viajou constantemente pelo Mundo Romano, e com o objetivo de delimitar bem sua hegemonia, Adriano cunhava moedas relativas a cada província visitada. Depois de sua visita à Hispana, em 123 d.C., ficou registrada a imagem mais famosa da Península Ibérica. Cunhado em Roma⁸ entre os anos de 134 e 138 d.C., um *denarius* (RIC. VOL. II. Nº305. p. 375) referente ao território ibérico apresenta-nos, por meio de uma alusão direta, o protagonismo da *Hispania* em seu projeto imperial:

Anverso: HADRIANVS AVG COS III P P (Adriano Augusto, cônsul pela terceira vez, pai da pátria), rosto barbado do imperador voltado à direita;

Reverso: HI-SPA-NIA; representação feminina provincial, com túnica, com braço sobre rochas (Pirineus). Na mão direita, uma oliveira, principal produto cultivado na Península Ibérica, principalmente na atual região da Andaluzia (antiga *Baetica*). Aos seus pés, podemos observar a presença de um coelho: animal muito comum da fauna hispânica. No período, foi representado na primeira cunhagem regional romana. Com o advento da *peseta* (1870), no século XIX, essa imagem

⁸ A moeda em questão pode ser observada na coleção de moedas e medalhões do *British Museum*: https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1210953&partId=1&searchText=Hadrian+Hispania&page=1. Acesso em: 16 jul. 2019, às 21h59. É importante destacar, ademais, que ainda no século II d.C., as casas de cunhagens foram fechadas na Península Ibérica, sendo reabertas no século IV pelo Imperador Constantino.

voltou a ser utilizada, bem como na última amoedação antes que o Euro entrasse em circulação, já no início dos anos 2000.

Noutro denário⁹, emitido à mesma época (134-138 d.C.), o imperador Adriano apresenta-se como aquele que restaura, restabelece a grandeza e dignidade do território hispânico (RIC. VOL. II. N°327. p.378):

Anverso: Adriano laureado, barbado e com o rosto voltado à direita. Inscrição: HADRIANVS AVG COS III P P (Adriano Augusto, cônsul pela terceira vez, pai da pátria).

Reverso: O imperador Adriano, à direita e vestido de toga, estende sua mão e auxilia a figura feminina da *Hispania* apoiada sobre o próprio joelho e portando um ramo de oliveira em suas mãos a levantar-se. Entre as representações há a figura de um coelho (animal pertencente à fauna hispânica). Nas inscrições latinas, pode-se ler: RESTITVTORI HISPANIAE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que um retrato literário definitivo sobre o passado e seus personagens, a História Augusta, na qualidade de fonte histórica, precisa ser interpretada à luz de sua própria tipologia textual para que sua condição de discurso, sua *estética persuasiva* (Cf. FUNARI, 2003. p.20) possa ser evidenciada. Constitui, portanto, apenas uma dentre as várias representações possíveis acerca do imperador Adriano. Uma visão mais acurada sobre a experiência histórica desse personagem implica a abertura do *corpus* documental a outros domínios: a numismática antiga, neste caso, constitui um território de estudo de primeira importância para tal fim.

⁹ A moeda em questão pode ser observada na coleção de moedas e medalhões do *British Museum*: https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1210915&partId=1&searchText=Hadrian+Hispania&page=1. Acesso em: 16 jul. 2019, às 22h59.



A moeda (seja no período helenístico ou romano) unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. Mais do que a língua e a religião, a moeda antiga era o único elemento que permanecia imutável de um canto ao outro do Império Romano. Passando por toda a bacia do Mediterrâneo, levando e transportando uma mensagem ideológica para todos, a moeda era, entre outras coisas, a transmissora de um poder político, de uma cultura.

As moedas carregam consigo significados e mensagens do emissor (imperador, membros de sua família ou pessoas que circulavam próximas ao poder) para seus governados. Contêm, já na Antiguidade, símbolos que deveriam ser entendidos ou decifrados pelo receptor, como os símbolos urbanos, que representavam a cidade ou algum habitante importante, ou as insígnias dos imperadores romanos que vão reaparecer durante a Idade Média, no governo de Frederico II (1194 – 1250), imperador do Santo Império Romano-Germânico. Em seu estudo, André Chevitarese (2003: p. 130) acrescenta que as representações de cavalos, cavaleiros, carros de combates, por exemplo, seriam atributos de autoridade e poder. O fascínio que a figura do cavaleiro exercia no imaginário das sociedades mediterrâneas antigas é apresentado pelo autor do seguinte modo:

[...] cavalo armado, submetendo o inimigo caído, caracterizava um símbolo natural de vitória. Constituem um esquema iconográfico por demais conhecido nas culturas helênicas, ou que estavam em contato com essa. Podem ser estabelecidos alguns exemplos, nos relevos funerários e, principalmente nas moedas, perpassando tempo e espaços distintos.” (CHEVITARESE, 2003: p. 128).

Percorrer os pormenores desse universo de imagens e representações, por sua vez, tem sido a tarefa daqueles/as que se dedicam à numismática:

A numismática ou ciência das medalhas e moedas tem merecido de todos os países uma proteção especial. Nas nações europeias ela constitui a preocupação de muitos sábios. Raros ignoram a importância que se dá em



França ao famoso *Cabinet des Médailles*, carinhosamente fundado por Luís XIV, e o valor extraordinário das coleções reais da Itália, que dão ensejo a publicações de inestimável preço... (Discurso de Gustavo Barroso, em 15 de junho de 1929. In: DUMANS, 1940, p. 216)

A análise realizada dos tipos monetários do Imperador Adriano, ainda que de maneira preambular, permitiu-nos delinear algumas conclusões. A questão política, permeada de religiosidade e misticismo, manteve-se em seu reinado. O caso mais evidente de autoafirmação política em relação às províncias ibéricas, por sua vez, fica comprovado a partir da emissão de numerosas séries monetárias com representações femininas da *Hispania*. Pode-se constatar, ademais, que as emissões numismáticas de Adriano aludem à condição de mantenedor e restaurador de certas províncias. Em uma época em que o próprio imperador opta por abrir mão de territórios outrora conquistados, as moedas romanas sob o governo de Adriano aludem à própria preservação e manutenção do território ibérico: características virtuosas a um bom governante, e que destoam de maneira significativa da representação oferecida pela tradição textual antiga, imbuída de julgamentos oriundos da elite senatorial.

Agradecimentos: aos colegas do PPGHI (Unifal-MG). Em especial, agradecemos a Katia Aparecida da Silva Oliveira, Antonio Rafael Paradas e Carlos Tadeu Siepierski, pela oportunidade de trocarmos ideias sobre História. Agradecemos, também, os professores André Leonardo Chevitarese, Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni. Mencionamos, ainda, o apoio institucional da UNIFAL-MG, UNICAMP, FAPEMIG, FIMI, CAPES e CNPq. A responsabilidade pelas ideias apresentadas neste artigo, por sua vez, fica restrita a seus autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Fontes Primárias a) Numismáticas



MATTINGLY, H & SYDENHAM, M.A (Orgs). **The Roman Imperial Coinage**. Volume II. Vespasian to Hadrian. London: Spink & Son, 1926.

Moedas de Prata do Imperador Adriano; Medalheiro de Número 2, Lote Número 4, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

b) Textuais

CASSIUS DIO. **Historiae Romanae**. Vol. VIII. Loeb Classical Library N°176. Trad. Earnest Cary. Harvard: University Press, 2001.

THE SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. Volume I. Translated by David Magie. The Loeb Classical Library. Harvard: University Press, 1991.

2) Bibliografia Moderna

ALDRICH, Robert. **The Seduction of the Mediterranean. Writing, Art and Homosexual Fantasy**. New York/London: Routledge, 1993.

BENARIO, Herbert. **A commentary on the Vita Hadriani in the Historia Augusta**. Ann Arbor: The American Philological Association, 1980.

BIRLEY, Anthony R. **Hadrian. The restless emperor**. New York/London: Routledge, 1997.

BOATWRIGHT, Mary Taliaferro. **Hadrian and the City of Rome**. Princeton: University Press, 1987.

_____. **Hadrian and the cities of the Roman Empire**. Princeton: University Press, 2000.

_____. *Adriano*. In: BARRETT, Anthony. **Vida de los césares**. Barcelona: Editora Crítica, 2008. p.253-291.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os Métodos da História**. 2a. ed. Tradução de João Maia. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p. 397.

CAMERON, Alan. **The last pagans of Rome**. Oxford: University Press, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Miraflores: Editora DIFEL, 1990.



CHEVITARESE, André Leonardo. Salomão e Cultura Helenística. In: Fragmentos de Cultura n. 13. **Revista da Pontifícia Universidade Católica de Goiânia**. Goiás, 2003, p.p. 117-135.

COPETE, J.M.C. **Un nuevo gobierno**. Una nueva base social. In: Adriano Avgvsto. Sevilla: Fundación José Manuel Lara/ Universitária, 2004. p.71-86.

CORASSIN, Maria Luiza. **Um estudo sobre a História Augusta**. A vita Alexandri Severi. Tese de doutoramento apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1984.

_____. A Idealização do Príncipe na Ideologia Aristocrática de Roma. **Boletim do CPA/Unicamp**. Nº04. Campinas, 1997. p.197-211.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2A. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 1115.

DUMANS, Adolfo. **O Museu Histórico Nacional através dos seus 19 anos de existência**. Anais do Museu Histórico Nacional, volume 1, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional / Imprensa Nacional, 1940.

FUNARI, P.P.A. **Antiguidade Clássica**. A história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Introdução a Plutarco. In: SUETÔNIO & PLUTARCO. Vidas de César. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

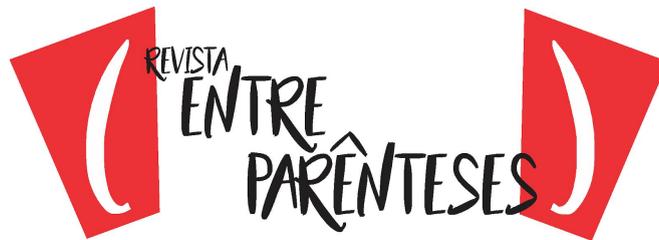
GONÇALVES, A.T.M. Imagem, poder e amizade: Dião Cássio e o debate Agripa-Mecenas. In: JOLY, F.D. (Organizador). **História e Retórica**. Ensaio sobre historiografia antiga. São Paulo: Editora Alameda, 2007. p.147-163.

KELLY, Christopher. **Ruling the Later Roman Empire**. The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

_____. **Roman Empire**. A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. **Imperadores Imaginários**. Política e Biografia na História Augusta. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1998.

MILLAR, Fergus. **A study of Cassius Dio**. Oxford: Clarendon Press, 1964.



SILVA, F.N. **Gênero e poder no Império Romano**: considerações sobre o imperador Adriano. Dissertação de Mestrado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2016.

Recebido em: 20/07/2019

Aceito em: 10/01/2020